



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS

BARBÁRIE ESTÉTICA E PRODUÇÃO JORNALÍSTICA: A ATUALIDADE DO CONCEITO DE INDÚSTRIA CULTURAL

Prof. Dr. Belarmino Cesar Guimarães da Costa

UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba

Coordenador do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação

Resumo: O trabalho busca, através da atualidade do conceito de indústria cultural, demonstrar as contribuições da Teoria Crítica para os estudos de comunicação, em particular, para a identificação do processo de heteronomia cultural, hierarquização dos artefatos e universalização de padrões estéticos. Toma como referência a produção jornalística para verificar na construção da notícia a apropriação da racionalidade técnica e explora a questão da violência na perspectiva de que ela não se esgota com o enunciado da mensagem, mas deve ser compreendida também nas condições de sua produção. A estetização da realidade, a mediação tecnológica e a relação entre sensibilidade e experiência complementam a exposição.

Palavras-Chave: 1. Teoria Crítica; 2. Indústria Cultural; 3. Estética da Violência.

Tem se tornado cada vez mais aguda a tensão formulada por Horkheimer e Adorno, no clássico “A Dialética do Esclarecimento”, sobre a incongruência entre progresso técnico no setor de produção industrial da cultura e a regressão dos sentidos. Depois de meio século do aparecimento da expressão *indústria cultural*, para assinalar o equívoco de se supor que a cultura de massa emergente era uma expressão identificadora da espontaneidade da cultura popular, boa parte da produção de teóricos de comunicação passou a formular o argumento do envelhecimento desta categoria e da extemporaneidade da Teoria Crítica para produzir conhecimento no contexto das novas tecnologias que combinam informática, virtualidade e hibridismo dos suportes.

O refluxo da Teoria Crítica, admitida na condição de método historicamente superado para produzir conhecimento na área de comunicação, é decorrente de um juízo falso: o de que estaria delimitada a um tempo que a crítica negativa era necessária para se opor às estruturas e governos autoritários. A pecha de apocalíptica, ahistória e idealista passou a ser uma mácula para supor o anacronismo da Escola de Frankfurt, ainda mais em admitir sua capacidade de intervir no contexto histórico das novas tecnologias de comunicação.

Em diversos textos, com destaque para *Educação Após Auschwitz*, Adorno (1995) estabelece como necessário ao processo de emancipação da sociedade e do sujeito as lembranças das atrocidades do passado, que ainda persistem em nome do desenvolvimento tecnológico e científico. De fato, as transformações empreendedoras de rupturas de espaço e tempo, em particular, nas revoluções dos transportes e das comunicações, que incidem na mudança da esfera pública e do sentido de realidade, representam conquistas que podem permitir a existência de uma sociedade mais esclarecida. Contudo, as esperanças depositadas no projeto humanista convivem, de forma ambivalente, com a exclusão tecnológica, com a desigualdade econômica e com a semiformação cultural, dentre outras que apontam para a ingenuidade de supor correspondência imediata entre progresso técnica e emancipação humana.

Estas reflexões que resultam de pesquisas desenvolvidas desde 1991, quando foi criado o Grupo de Teoria Crítica e Educação, na UFSCar-Universidade Federal de São Carlos, e que hoje continuam também na UNIMEP-Universidade Metodista de Piracicaba, procuram afirmar a validade da Teoria Crítica como referência para os estudos e pesquisas na área de comunicação, em particular, tomando-se como referência os teóricos da primeira geração do Instituto de Pesquisa Social, criado na Alemanha, na década de vinte. Adorno, Horkheimer, Benjamin e Marcuse identificaram estruturas autoritárias, em particular, no contexto da comunicação na sociedade industrial que ainda permanecem mascaradas pelo fascínio da técnica e sua mediação na sensibilidade e inteligibilidade humanas.

Este artigo, que resulta da intenção de inserir a Teoria Crítica no debate contemporâneo a respeito da cultura mediática e da crise da razão em criar uma sociedade nem sempre racional, toma como estrutura os seguintes momentos: 1. Trata da validade do conceito de indústria cultural na perspectiva de reafirmar o argumento de Horkheimer e Adorno de que ela representa

uma ação de antiIluminismo; 2. Faz uma exposição a respeito da estética da barbárie presente nas estruturas de comunicação, em especial do jornalismo, quando constrói artefatos culturais que propendem à estetização da realidade e à exploração da violência; 3. Discorre sobre os prejuízos que a mediação da técnica pode provocar no estatuto da sensibilidade e da experiência.

Esta análise recorre, portanto, aos fundamentos da Escola de Frankfurt, em particular, pela crítica imanente que faz da estrutura do sistema de comunicação social, tendo em conta a investigação histórica dos *mass media*, com enfoque na filosofia, nas ciências sociais e na questão da subjetividade. As novas tendências de teorização dos fenômenos da cultura mediática não podem colocar à margem a investigação estética, política e de crítica negativa exposta pelos frankfurtianos. Isto também não significa retomar os clássicos fora de seus momentos históricos como se fosse possível separá-los de suas conjunturas de análise e incorporá-los sem mediação com a etapa presente do capitalismo tardio e da produção cultural.

1. Revitalização do Conceito de Indústria Cultural

A categoria *indústria cultural* vem a público pela primeira vez em 1947, quando já se tornava visível a existência de um setor da produção da cultura comprometido com as estruturas de mercado. A utilização do rádio, do cinema e dos meios impressos existentes, como instrumentos de propaganda política de regimes autoritários, durante particularmente a ascensão do nazifascismo e na era stalinista, e a incorporação destes meios na perspectiva de valorização do *American Way of Life*, fez com que Adorno e Horkheimer, nos EUA, país onde se encontravam exilados e que dispunham de uma indústria de informação e de entretenimento mais empreendedora e massiva, estabelecessem relações de proximidade entre autoritarismo econômico-político e fascismo cultural.

Na pesquisa de mestrado “O ‘Estado’ da Educação na ‘Folha’ de Jornal – Como os Jornais de Grande Circulação Abordam a Questão Educacional”, desenvolvida na UFSCar, entre 1991 a 1993, destacamos a importância da Teoria Crítica para os estudos da comunicação que, pela pecha de apocalíptica, uma terminologia criada por Umberto Eco, tem sido estigmatizada como superada. A obsolescência admitida decorre desta teoria não ser capaz de compreender as transformações do ambiente tecnológico, cultural e de integração global ocorridas sobretudo com

a informatização da sociedade e do surgimento de suportes virtuais e híbridos, nas últimas décadas.

Este exercício de retomada do conceito indústria cultural, tal como foi formulado pelos pensadores frankfurtianos, não significa deixar de compreender a modificação do ambiente técnico e das características hodiernas do processo de comunicação, mas tem o propósito de identificar a presença de estruturas autoritárias que permanecem e explicitar a contradição entre potencial técnico e arrefecimento da capacidade de julgar e de formular gostos estéticos autênticos. Uma metáfora se coloca ainda denunciadora dos rumos da técnica na sociedade. Trata-se daquela formulada por Horkheimer, no livro “A Eclipse da Razão”, que acusa o seguinte:

A crise da razão se manifesta na crise do indivíduo, por meio da qual se desenvolveu. A ilusão acalentada pela filosofia tradicional sobre os indivíduos e sobre a razão – a ilusão de sua eternidade – está se dissipando. O indivíduo outrora concebia a razão como um instrumento do eu, exclusivamente. Hoje, ele experimenta o reverso dessa autodeificação. A máquina expeliu o maquinista: está correndo cegamente no espaço. No momento da consumação, a razão tornou-se irracional e embrutecida (Horkheimer, 1975: 19 – grifos nossos)

Esta representação do descontrole do homem sobre a racionalidade instrumental embutida na técnica não desapareceu e supõe retomar o argumento de Horkheimer e Adorno que caracterizam a indústria cultural como aparatos técnicos que paradoxalmente mistificam a realidade, quando se supunha o potencial de emancipação nos progressos científicos e nas produções culturais tornadas disponíveis pela massificação. A perda do controle da máquina é um sinal da contradição entre a existência de uma sociedade que se firma na autonomia do sujeito, em sua capacidade de escolha e de busca do prazer e, ao mesmo tempo, a afirmação da heteronomia cultural, de cada consumidor se objetivar nas estatísticas da audiência. Eis a retomada do argumento: a massa é um elemento secundário, de cálculo; acessório da maquinaria (In: Horkheimer & Adorno: 1990). Uma ilustração deste descontrole se verifica na relação entre índices de audiência e a pauperização da qualidade das mensagens televisivas.

O conceito de indústria cultural busca identificar a forma como a arte se submeteu à condição de mercadoria. Isto tem o peso de assinalar que mesmo que determinados artefatos culturais venham a ter isoladamente qualidades que se diferenciem dos padrões medianos, de forma articulada e sistêmica, constituem segmentos que buscam a integração do consumidor à lógica da circulação da mercadoria. A chave deste argumento está em reconhecer que a Teoria Crítica toma como referência de análise a estrutura dos sistema de comunicação em sua incorporação pela dinâmica de expansão do capitalismo.

O argumento de que este setor da produção promove a hierarquia das qualidades dos produtos culturais e, no conjunto, cria para cada um de acordo com o seu nível, parece-nos que não está fadado ao esquecimento. A segmentação de público com produções centradas em poucos emissores possibilita imaginar que esta realidade ainda não foi superada, mesmo com a existência de meios supostamente mais interativos de comunicação. A rede mundial de computadores, se permite pensar na existência de estruturas descentradas, aos poucos vem sendo também potencializada como mais um setor de produção articulado com outros da indústria cultural.

A heteronomia cultural, a transformação da arte em mercadoria, a hierarquização das qualidades, a incorporação de novos suportes de comunicação pelos setores que já detinham os meios de reprodução simbólica, no seu conjunto, apontam para a continuidade da administração da cultura. Em outras palavras, a dispersão do público-receptor e a impessoalidade no processo de comunicação combinadas com o monopólio e o sistema de produção baseado na divisão do trabalho, fazem com que a ampliação deste setor da produção seja acompanhada pela apropriação silenciosa de um modelo de cultura que separa: quem produz de quem consome.

A hegemonia desta forma de produção cultural pode ser observada em manifestações que já foram identificadas e que continuam existindo, dentre elas: o caráter de montagem dos produtos; a capacidade destes prescrever a reação dos receptores; a reprodução técnica que compromete a autenticidade da obra de arte; o consumidor como objeto da indústria cultural; a falsa identidade entre o universal e o particular; a técnica como ideologia; o “novo” como primado manifesto do imediato e da busca calculada do efeito; a exploração da fraqueza do “eu” numa sociedade de personalidades debilitadas e que facilmente aderem a ideários autoritários.

2. Jornalismo e Violência : A Estetização da Realidade

A descrença em torno da ideologia do progresso e a interpretação de que a sociedade industrial produziu formas complexas de dominação, que prescindem cada vez mais do uso manifesto da força, e que nos convida a uma adaptação fácil pela persuasão massiva, permeiam muitas discussões a respeito da indústria cultural. Pretendemos identificar um setor, o da informação jornalística, para abordar a contraposição entre fluxos de notícias e a falta de esclarecimento.

Sem que tenham aprofundado questões específicas da produção jornalística, Horkheimer e Adorno, não só na obra “Dialética do Esclarecimento”, mas este último também na “Teoria Estética”, deixam depreender que a produção de bens simbólicos, de qualquer setor da indústria cultural, assimila a técnica e a linguagem do meio responsável pelo seu aparecimento, de tal maneira que se torna impraticável teoricamente a ruptura entre forma e conteúdo; processos de recepção e produção industrial; mensagem e ideologia presente na técnica.

Uma categoria que assinala esta impossibilidade de separar mensagem da forma de sua produção se dá quando os teóricos frankfurtianos analisam a violência da sociedade industrial no momento de distração, através do uso da expressão “barbárie estética”. Ela é um equivalente para dimensionar os prejuízos que a repetição, a exclusão do novo, o lazer como extensão da racionalidade do trabalho provocam na formação.

Na tese de doutorado que defendemos na Faculdade de Educação da UNICAMP, em 1999, com o título “Estética da Violência: Jornalismo e Produção de Sentidos”, buscamos localizar na prática jornalística e na produção da notícia formas de violência estética. Isto quer dizer: a informação dos meios de comunicação de massa não se encontra separada do modo de produção industrial, da lógica da mercadoria e do encantamento proporcionado pelas técnicas, suas linguagens e envolvimento.

A produção da notícia requer, inexoravelmente, algumas variáveis que acusam a impossibilidade dela ser uma expressão objetiva da realidade. Todo fato se expressa pela tensão entre supressão ou destaque. A técnica narrativa derivada do modelo americano, conhecida como pirâmide invertida, representa a separação temporal entre captação informativa e seqüência de

exposição, de tal ordem que a organização interna da notícia incorpora a racionalidade técnica presente num sistema que requer agilidade, objetividade, precisão.

A definição da pauta (assuntos cobertos em determinada edição), a fragmentação da informação, incluindo a registrada pela criação de editoriais, a síntese presente nos títulos e nos recursos gráficos, dentre outros aspectos, expressam formas de racionalização do processo informativo. A padronização dos critérios para definir fatos tidos como relevantes socialmente perpassa estruturas centradas em poucas agências de notícia, só para mencionar a desigualdade do fluxo de informações internacionais. A “agenda-setting” se configura pela articulação de meios impressos, televisivos, radiofônicos, incluindo o suporte da Internet, que tendem a destacar as mesmas fontes, os mesmos assuntos, as mesmas imagens etc.

Marcondes Filho (1989) aponta para o seguinte aspecto: a informação jornalística propende à sensacionalização dos fatos sociais, à personificação dos acontecimentos históricos, à redução do real ao fatural, à extremada fragmentação, descontinuidade e montagem da realidade noticiada. Estas ações procuram exacerbar, com persistência e de forma articulada, a emoção da audiência em torno da estética da mercadoria notícia. O efeito adquire verossimilhança com o real muito em decorrência do frenesi informativo, dos constantes estímulos multisensoriais e da inexistência de tempo para o distanciamento crítico. A estrutura não-dialógica dos veículos de comunicação de massa favorece ainda mais a cisão entre a compreensão dos fatos e a forma fetichizada de sua representação.

É exatamente nesta busca do efeito e da apreensão da audiência pelo espetáculo, que Horkheimer e Adorno assinalam a anomalia de uma sociedade cujos indivíduos se encontram dessensibilizados frente à repetição da barbárie. A exposição continuada de violências sónicas elimina o choque, a capacidade da audiência reagir e de se indignar diante do grotesco.

No jornalismo, há um ambiente favorável à estetização da violência. Perseguindo o objetivo de ampliar o espectro de receptores, na perspectiva apresentada por Morin (1986), os meios de comunicação buscam a criação de públicos medianos, universais. A massificação da mensagem tem uma correspondência direta com a facilitação do conteúdo. Em outros termos: uma falsa democratização presente na ilusão de que todos podem ter acesso às mesmas mensagens.

A estética da violência também pode ser identificada nos *fait divers*, nesta busca tresloucada pelo anômalo. A exploração de crimes, do bizarro, de fatos que mexem com a

curiosidade e emoção, acompanhada de narrativas que utilizam os melhores recursos da imagem, expressa bem a possibilidade de esclarecimento pelo acesso à informação jornalística.

A categoria estetização da violência já supõe a idéia de mediação da tecnologia como extensão sensorial, para utilizar uma conhecida expressão de McLuhan, ou seja, a percepção humana cada vez mais se dá pela influência e mediação da tecnologia. Estetizar significa construir uma realidade que se configure como espetáculo. Até mesmo a violência de uma imagem forte, nos telejornais por exemplo, tem maior capacidade de criar o desejo pela sua repetição, que propriamente mobilizar sentimentos de indignação, dor. Como num filme de ficção, a repetição da violência como espetáculo não requer da audiência outra representação que vá além do fato de ser entretenimento, momento de distração e de prazer.

Destaca Marcondes Filho (1989: 149), ao definir notícia:

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isto a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político.

A irracionalidade presente nesta forma de organizar o fato noticioso, ainda mais podendo contar com a disponibilidade de recursos técnicos que fracionam o real, tornando-o quase a expressão de um drama romanescos, também se verifica na seguinte contradição: a da existência de fluxos intensos de informação e a incapacidade da audiência agir diretamente sobre os fatos. Merton e Lazarsfeld, quando escrevem o ensaio “Comunicação de Massa, Gosto Popular e a Organização Social”, em 1948, apontam, na perspectiva da Teoria Funcionalista, esta incongruência da informação estar disponível mas sem ligação com a ação social organizada.

3. Mediação da Técnica e Prejuízos da Experiência

Com o propósito de destacar os prejuízos da mediação da técnica no estatuto da experiência e da sensibilidade, torna-se estratégico assinalar à maneira de Walter Benjamin, a idéia expressada no ensaio “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica”, iniciado em 1936, a respeito da sensibilidade humana não decorrer apenas da natureza, mas também das transformações empreendidas no processo histórico de hominização.

A indústria cultural não somente cria um objeto para o sujeito como este na condição de objeto, para parafrasear Marx. Isto é, uma condição de poder político na sociedade contemporânea que se articula com a criação de necessidades, incluindo as de natureza informativa e aquelas que conduzem ao consumo desenfreado de mercadorias, subvertendo a lógica entre ser e ter. Aqui pretendemos destacar o seguinte: a mediação da técnica estende e acomoda nossa sensibilidade a um mundo que aparentemente reconhecemos como familiar, sem mais o estranhamento das personagens kafkianas, tão imprescindíveis para acusar a existência de uma vida administrada e impessoal.

O controle das necessidades e a mediação da tecnologia agem para estabelecer uma segunda natureza no homem: a de estar ambientado à transmissão de artefatos culturais que incidem na formação prejudicada, pois a diferenciação, aquilo que torna o sujeito capaz de refletir sobre sua condição de não-objeto acabada sendo minada. A indústria cultural privilegia o momento de adaptação do sujeito à realidade e busca a falsa identidade entre o particular e o universal. Sentir-se integrado, eis a marca da pseudo-individualidade.

De acordo com Marcondes Filho (1993), a era da técnica está marcada pela presentificação. A capacidade de editar, mutilar os acontecimentos e recolocá-los montados numa outra ordem cronológica, faz com que a historicidade dos fatos se esgotem no momento presente. A vertigem do imediato e a quebra da lógica dos acontecimentos entre si contribuem para afirmar a existência de um mundo cindido. O que tem importância é a sensação calculada do perecimento da informação como mercadoria, para rapidamente cair no esquecimento quando outra mais sensacional vier a lhe substituir.

A mediação tecnológica provoca a substituição da experiência autêntica, compreendida quando o sujeito interpela e age sobre os acontecimentos, e no lugar provoca sensível perda da memória involuntária, esta expressão benjaminiana para falar das recordações que nos remetem,

inconscientemente, à memória individual. Seria insensato supor que a memória coletiva que é construída pelos *mass media*, de todo, compromete a experiência, contudo ocorre uma perda no processo de sua continuidade frente à informação pontual e efêmera. A experiência que está associada, em Benjamin, à duração do tempo, nas mediações tecnológicas se desembocam na vivência do instante.

A exclusão da informação no âmbito da experiência individual, a impessoalidade no processo comunicativo, a repetição, o detalhamento daquilo que é fungível, que revela a existência de um jornalismo minimalista, apontam para um modelo de formação cultural que mina a resistência, a diferença.

4. Consideração Final

A revitalização do potencial teórico da Escola de Frankfurt se justifica para os estudos da comunicação, em particular, pela permanência de estruturas concentradas no processo de produção da cultura, que tende a separar o momento de concepção do momento de recepção massiva. O surgimento de novos suportes técnicos não criou ainda um ambiente favorável para a realização dos ideários humanistas e nem a técnica, com toda sua sofisticação, foi capaz de gerar uma sociedade esclarecida.

A crítica negativa, como método de investigação e compreensão da realidade, permite localizar nos novos processos de comunicação estruturas autoritárias. A filosofia, a abordagem sociológica, a aproximação com a literatura e a estética, a maneira de trabalhar com aforismas que permitem tensionar teoria e prática, tão próximas da construção do pensamento frankfurtiano, favorecem pensar fenômenos da comunicação numa perspectiva dialética e inclusiva de várias áreas de conhecimento.

5. Bibliografia

ADORNO, Theodor W, *A Indústria Cultural*, tradução de Amélia Cohn. In: COHN, Gabriel (Org.), *Comunicação de Massa e Indústria Cultural*, quarta edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.



- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, *Dialética do Esclarecimento- Fragmentos Filosóficos*, trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985. ADORNO, Theodor W., *Teoria Estética*, tradução de Artur Morão. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1988.
- ADORNO, Theodor W., *Educação Após Auschwitz*, tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ADORNO, Theodor W., *Teoria da Semicultura*. Tradução de Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci, Cláudia B. Moura Abreu, revisão pelos autores, com a colaboração de Paula Ramos-de-Oliveira. In: *Educação & Sociedade: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação*, ano XVII, no. 56, Campinas, Papyrus, dez./1996.
- BENJAMIN, Walter, *A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica*, tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: COSTA LIMA, Luiz, *Teoria da Cultura de Massa*, 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BENJAMIN, Walter, *Teses sobre Filosofia da História*, In: *Walter Benjamin – Sociologia*, tradução e organização de Flávio R. Kothe, 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- BENJAMIN, Walter, *Experiência e Pobreza*. In: *Obras Escolhidas – Vol. I*, tradução de Sérgio Paulo Rouanet, 6ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- COHN, Gabriel (Org.), *Comunicação de Massa e Indústria Cultural*, quarta edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- COSTA LIMA, Luiz (Org.), *Teoria da Cultura de Massa*, 4ª ed. R. de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- COSTA, Belarmino Cesar. G. da, *O 'Estado' da Educação na 'Folha' de Jornal – Como os Jornais de Grande Circulação Abordam a Questão Educacional*. Dissertação. São Carlos: UFSCar, 1993.
- COSTA, Belarmino Cesar G., *Jornalismo Impresso: Conceito de Notícia e a Técnica de Fetichização dos Fatos*. In: MARQUES DE MELO, José (Org.), *Transformações do Jornalismo Brasileiro – Ética e Técnica*. São Paulo: Intercom, 1994.



- COSTA, Belarmino Cesar G., *Indústria Cultural: Análise Crítica e suas Possibilidades de Revelar ou Ocultar a Realidade*. Petrópolis, São Carlos: Vozes, Edufiscar, 1995.
- COSTA, Belarmino Cesar G. da, *Estética da Violência: Jornalismo e Produção de Sentidos*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1999.
- ECO, Umberto, *Apocalípticos e Integrados*, tradução de Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- ERBOLATO, Mário, *Técnicas de Codificação em Jornalismo – Redação, Captação e Edição no Jornalismo*, 5ª. edição. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- HORKHEIMER, Max, *Teoría Tradicional Y Teoría Crítica*. In: *Teoría Crítica – Max Horkheimer*, trad. Edgardo Albizu y Carlos Luis. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1974.
- HORKHEIMER, Max, *Eclipse da Razão*, trad. de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W., *A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação das Massas*, trad. de Júlia Elisabeth. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.), *Teoria da Cultura de Massa*, 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- LÉVY, Pierre, *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era da Informática*, tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LUSTOSA, Elcias, *O Texto da Notícia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.
- MARCONDES FILHO, Ciro, *O Capital da Notícia – Jornalismo como Produção Social da Segunda Natureza*, 2ª. edição. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.), *Pensar – Pulsar: Cultura Comunicacional, Tecnologias, Velocidade / Coletivo NTC*. São Paulo: Edições NTC, 1996.
- MARCUSE, Herbert, *Ideologia da Sociedade Industrial*, trad. de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- MCLUHAN, Marshall, *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*, trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1969.



- MERTON, Robert K., LAZARSELD, Paulo F., *Comunicação de Massa, Gosto Popular e a Organização da Ação Social*, trad. de Carmem Dora Guimarães. In: LIMA, Luiz Costa (Org.), *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MORIN, Edgar, *Cultura de Massas no Século XX - Vol. 1 -*, Neurose, tradução de Maura Ribeiro Sardinha, 8^a. edição (Edição Brasileira de *O Espírito do Tempo*). Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.
- PUCCI, Bruno (Org.), *Teoria Crítica e Educação – A Questão da Formação Cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, São Carlos: Vozes, Edufiscar, 1995.
- PUCCI, Bruno, *A Teoria da Semicultura e suas Contribuições para a Teoria Crítica da Educação*. In: ZUIN, Antônio Álvaro Soares, PUCCI, Bruno, RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Orgs.), *A Educação Danificada – Contribuições à Teoria Crítica da Educação*. Petrópolis, São Carlos: Editora Vozes, Editora da UFSCar, 1998.
- RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton, *Reflexões sobre a Educação Danificada*. In: ZUIN, Antônio Álvaro Soares, PUCCI, Bruno, RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton (Orgs.), *A Educação Danificada – Contribuições à Teoria Crítica da Educação*. Petrópolis, São Carlos: Editora Vozes, Editora da UFSCar, 1998.